

Saudação a Armando Avena

Guido Guerra

Senhor Escritor Armando Avena:

Hesitei se iniciava esta saudação pelo secretário de Estado ou se, ao contrário, me fixava no construtor de sonhos, de módulos dramáticos, de emoções. Inclinei-me pelo mais fascinante, o ficcionista, e começo por dizer que, dentre vossas personagens, se me concedeis a alternativa ou a prerrogativa de especular sobre qualquer uma delas, o que excede ao meu universo de pretensões, a prostituta japonesa, pelo que encerra de mistério instigante, toca-me bem mais que o Dr. Gabriel Macondo e infinitamente menos que o território livre da loucura, de que, nas suas andanças e quebranto pelo Juliano Moreira, o poeta Carlos Anísio Melhor extraiu o Dr. Crueldade da Silva e seu sonho de vingar-se do mundo através do choque elétrico, da tortura psicológica, do retorno à palmatória e ao mundo de as-sombração. Pareceu-me mais fascinante privilegiar o criador, mesmo em detrimento da criatura, a que não transcende o tempo cronológico. Mas não descartava inserir, nessa apresentação dispensável por inútil, o ensaísta de temas nordestinos, de tantas inquietações do semi-árido, de danos e perdas do alto sertão, de sol e mormaço.

A bem dizer, esta Casa, se posso interpretar seu sentimento, embora não pretenda nem deva, não escolheu um secretário para suceder outro, mas um escritor para preencher o espaço de ou-

tro escritor, um ficcionista para ocupar a vaga de outro ficcionista, um ensaísta para completar o legado de outro ensaísta. Não calculo quantos secretários de Estado transpuseram o pórtico desta Casa, em nome das letras que não cultuavam – talvez se houvessem melhor nas de câmbio que nas literárias. Por esta Casa passaram, cada um à sua vez e hora, personalidades sem texto e políticos sem obra, salvo a que se edita no *Diário Oficial*: o velho PSD, de antigas raposas, sabia que uma nomeação seduzia mais que o *Perfume de Gardênia* e menos que o movimento dos quadris. Vosso caso semelha ao do vosso antecessor: trazeis, assim como Wilson Lins o trouxe, um legado que soma duas atividades correlatas, duas paixões invencíveis: o jornalismo e a literatura, portanto o feijão e o sonho, sem excluir a trajetória de convergência entre *Os caminhos do desenvolvimento do Nordeste* e o *Médio São Francisco*, embora o jornalismo, pelo qual enveredastes, vos submeta mais à sedução dos estudos econômicos que ao epigrama, e bem mais que, à língua solta de Rubião Brás, a última tentação de Marx: anônimo e mordaz, o epigrama já não circula no *Café das Meninas*. Mas ainda pisa nos calos de estimação que mais doem.

A novelística que viestes a produzir – não importa adjetivá-la nos limites de uma saudação, por menos acadêmica que seja e por mais acadêmica que devesse ser – também se distancia da que recriou vosso antecessor: Pilão Arcado, com uma humanidade vária e vasta, submergiu sob as águas barrentas do Sobradinho, onde também se escondem Sento-Sé e Glória, Responso das Almas e Remanso da Valentia. Quanto a vós, senhor acadêmico, pontuastes vossa ficção noutros espaços e mundos mágicos, sem cangaceiros ou *cabras do coronel*, mas com dores bem mais cruéis – as que resultam da aplicação de choques elétricos.

No *Evangelho Segundo Maria*, realizastes uma instigante fusão entre a mãe e a meretriz, aproximando-as da santificação, em amplitude e consistência, cada uma conquistando sua aura de

mistério sem perder a auréola que as eleva ao altar e à glória da canonização, como personagens e símbolos: uma cumpre a vontade do Pai, a outra realiza o destino da carne, segundo a carne. A persona do Cristo, segundo o concebestes com todos os atributos masculinos, não prescinde da Maria Mãe nem da Maria de Magdala, embora distintas no preenchimento da carência amorosa quando se sente abandonado pelo Pai.

Nenhuma, dentre as vossas personagens, carrega a solidão e o desespero da Sra. Merf: a dor de não conseguir resignar-se a longas pausas, ao silêncio marcado de gestos contidos e medidos espantos, mas ao tumulto de falar obsessivamente, o que leva o marido a um território paralelo de angústia, de esgotar-se emocionalmente diante daquele falar sem cessar e compor, dentro desse quadro dramático, uma personagem indispensável, coadjuvante e necessária – uma dama de companhia contratada exclusivamente para ouvi-la, não para ser sua interlocutora, mas sua ouvinte passiva, a que não questiona nem interroga. Apenas ouve e cala.

Licença eu vos peço nesta noite, senhor acadêmico, para voltar à loja *Dois Américas* e esquecer os olhos no cavaleiro de vitrine que, como o da rua do Ouvidor, exhibe seus arreios de prata, sua manta escarlate, sua crina à imitação de pelos e, na pequena sela, o melhor couro do Taboão à moda antiga, o que exalava cheiro de cola e de lixo de véspera à entrada do Julião, reduto de putas decadentes e de boêmios descendo a ladeira da serenata do adeus. Deixai que, lá então, numa escada-rolante feita de fascínio, suba e desça uma adolescência que hoje voa nas asas brancas da saudade.

Vinde visitar a cidade. A cidade mágica, mística, revestida de mistério oleoso, de dendê e leite de côco, de acarajé e abará, cada um mais apimentado que o outro. Da *Cubana*, podíeis ver o mar e o Forte dentro do mar, como se flutuasse sobre o mar, sobre as ondas verdes do mar, misturando-se ao muito branco das espumas, das ondas bravias de Amaralina, onde sorriu a

menina Clarice, a do verso de Capinam e da canção de Caetano, a que tinha “recato de convento e procissão e um corpo feito de adivinhação”, a que lentamente “despiu o corpo moreno e permaneceu no adeus chorando e nua/ para que seu amor a tivesse toda/todo o tempo que existisse”.

Descei ao Largo do Mocambinho – não comigo que deixei os meus anos dourados nas curvas em que os vossos não dobraram, tão antes dos vossos que me suponho de outra geração, de outra era e bem anterior à vossa – e provai o sarapatel de Biu ou a *dobradinha* de Faleiro Picardia da Bahia no *Tabuleiro da Baiana* ou a feijoada do *quatro rodas*, aquela kombi que se escondia na rua da Ajuda. Entrai calmamente no *Holliday*, justo ali na subida da rua Chile, sem vos espantar com a luz negra, com a quase nudez da mulata Capeta, da sarará Joana Cacete, de Marlene Mal Feita, do travesti Valéria, de outros que vieram de longe, e esperai o poeta Jehová, de voz impostada e metálica, que logo virá declamar o seu canto de amor ao açougueiro morto, o impagável João Chupa Molho, João Porta de Sindicato, e também o seu poema retrospectivo de Santa Maria da Vitória, e deixai que a luz negra vos ilumine o sorriso e os dentes, os olhos e os cabelos e vos empreste uma mecha de roxo na que o tempo branqueou.

Sim, senhor acadêmico, repito mais uma vez, licença eu vos peço nesta noite, e não importa que lua brilhe no céu dos poetas e trovadores, seresteiros e apaixonados, que é sempre a lua que se quer e deseja, não a que se vê e se sonha ver refletida numa poça d'água, espelho de mágoa e dor, não importa, repito, se cheia ou nova, quarto minguante ou quarto crescente, mas concedei-me licença para esquecer o economista que também sois: não me toca nem me comove a *mais ou menos valia*, antes a escolha, sobretudo a escolha entre o feijão e o sonho, e juro, a vós e a quem mais me fiar ouvidos e atenção, olhos de ver e ouvidos de bem escutar, que mil vezes escolheria o sonho. Deixai que, cá comigo, ignore o secretário de Estado que sois eventual-

mente e ninguém o é por tempo indeterminado, por mais que se julgue dono da vida e dos sonhos, proprietário da razão e do futuro, mas deixai que, numa estrada intangível, esqueça o homem público que ainda sois e espero que o sejais por pouco tempo para que a literatura perca menos do que tem perdido para o administrador público, que ainda mergulha no estranho mundo da descoberta dos rios perenes, das águas turvas e nunca acima das canelas, dos açudes que já não sangram no meu sertão, onde Papai Noel já não vai e, quando vai, desce de paraquedas, como bem diria meu bom amigo Tadeu Gonçalves, se melhor não dissesse.

Senhor escritor Armando Avena: por menos que intente penetrar no complexo universo econômico, a que emprestais o melhor das vossas energias e dedicação, não me escapa o registro de conquistas que imprimistes à Secretaria do Planejamento, uma das quais, não a mais significativa, a implantação da Ford na Bahia, em que, no primeiro estudo de que se tem notícia, inscrevestes a geração de empregos como meta, a que se seguiu, não em ordem cronológica, o Pólo de Informática de Ilhéus, sem excluir a convergência com vossa visão de mundo, pelo menos no que toca ao crescimento econômico como “condição necessária, mas não suficiente”, posto que o pensamento coletivo elegeu uma prioridade para este início de milênio – o combate à fome e uma justa e equitativa divisão da renda.

Bem protestastes contra a *Era Geisel*, se é que um ditador merece tal deferência, a de ser um divisor de águas e de um tempo, mas temo que vos tenhais equivocado quanto aos *contratos de riscos*, nos quais atrastes todas as pedras do caminho, como nos enganamos quando vamos *Sabiá*, de Chico Buarque e Jobim, em defesa da canção de Geraldo Vandré, mas cumpristes vossa ânsia de rebeldia, mesmo que possais não estar de acordo com o que condenastes acerbamente ontem: ah, senhor acadêmico, que seria a juventude senão a possibilidade de a maturidade pedir

desculpas ao tempo e às ilusões que perdeu, valorizando a experiência que ainda não tem, como ensina Joaquim Nabuco.

Não dizeis por acaso – mas pela absoluta necessidade de dizê-lo – que a carga tributária pesa substancialmente no orçamento do homem cotidiano, e não cabe detalhá-lo em termos percentuais, em nível de perdas e danos no poder aquisitivo, pois também reconhecéis que a política econômica para o Nordeste terá de fundamentar-se em um único mercado nacional altamente integrado, que desenvolva o conflito entre o processo de acumulação capitalista, através de investimentos, e produza os indicadores *per capita*, econômicos e sociais, numa tentativa de superar ou, pelo menos, reduzir o fosso que separa a Bahia e o Nordeste do resto do país.

Por menos que me seduza a face política do gestor público, face e perfil bem se diga, o que inventaria a perspectiva do futuro e a derrocada social do presente, por maior apreço que devote às alternativas e escolhas de cada um, ao mergulho em profundidade na estrutura social, faltaria à verdade se não referisse, como devo referir, que não chegastes à Secretaria do Planejamento, por honroso que seja este título circunstancial, por *benesse* política ou por prêmio imerecido, mas pelo percurso de uma trajetória de pesquisador econômico e gestor executivo. Se a CEI, pela qual passou o brilho e o talento de Renata Prosépio, vos deve o registro de bacias hidrográficas esquecidas, a CPE – por onde antes passaram Rômulo Almeida e Jairo Simões, que abriram vossa estrada de Damasco, vossa Vereda Tropical – consignou conquistas que inscreveram vossa assinatura. Parece-me oportuno lembrar vosso empenho na inclusão de recursos no orçamento do Estado para os segmentos culturais e não cabe identificá-los aqui, por maior que seja minha atração pela indiscrição. Talvez poucos saibam que associastes vosso nome de homem de cultura, sem descartar o economista, ao resgate da cartografia, tão desprezada e vilipendiada pelos organismos oficiais, não obstante sua relevância.

Era meu intento debruçar-me sobre vossos ensaios a propósito de Marx, mas recuei a tempo na virada da esquina da pretensão, na curva de *A última tentação de Marx*, o que escrevestes engenhosamente sem nos ensinar o pulo do gato ou a temer a *gargalhada do sol*, a que referiu Isa Gonçalves em seu discurso de posse, citando o poeta Eurico Alves, poeta de Feira de Santana e do mundo: não sei onde me embaraço mais, se em *O Capital* ou no *Manifesto Comunista* ou nos *estudos econômicos* a que Engels se juntou, com sua assinatura e lucidez, de que ensaiastes uma interpretação moderna do sonho que não acabou. Em *A última tentação de Marx*, conseguistes a difícil fusão da economia com a literatura, com o molho bem condimentado do realismo fantástico, mas sem perder o rigor científico, o que se explica facilmente: a ficção não prescinde da política como expressão ética e estética, portanto produzistes um livro que reinventa o comunismo para explicar o fracasso do socialismo no Leste Europeu, livro que usa a literatura para falar de economia, de socialismo utópico, de neoliberalismo.

O articulista de jornal, e pouco importa que seu mundo seja o da reflexão econômica, estimula a militância social e converge para o engajamento, mas não dispensa uma associação necessária entre o que interpreta a realidade e o que a transfigura, talvez a transgredir o espaço temporal entre o criador de mundos e o que mergulha nas águas barrentas da comoção social, da represa do Sobradinho em que se afundaram Glória, Casa Nova, Sento-Sé, Remanso e Pilão Arcado, do tumulto econômico e político e o tumulto que não prescinde do tumulto de amor. Essa, como bem sabeis, a chave de toda ficção que aspira grandeza estética e ética na plenitude de sua expressão.

Posso dizer-vos que o técnico, por vezes em missão política ou em função acadêmica – no exercício do magistério ou do *economês* – tem sacrificado o criador de ficção, de módulos dramáticos e de mistérios impenetráveis. Não sei por onde começo, senhor acadêmico, se por vosso livro de contos infantis, em

que tornastes reobtida a infância perdida: não sei se um dia, como me sucedeu noutra mais distante, descestes a Serra da Itiúba no velho trem da Leste, velho e saudoso e tão querido que o suponho um parente próximo, que prescindiu de laços de sangue e de afeto, de coração batendo, na carência de britas e dormentes, de lenços, chapéus e lágrimas de adeus, soluços quase desesperados. Não sei se na breve parada na estação mais próxima, a de Queimadas, ouvistes os vendedores de tudo, anunciando tudo que era bom – mingau de tapioca, milho assado e cozido, espetinho de rola-assada, codorna, nhambu e juriti, tudo bem salgadinho que dá água na boca novamente, queijo *Siridó*, rolete de cana, amendoim bem torrado, castanha assada, rosário de licori e cocada-puxa, alferes e alfenim – não sei se sonhastes esses sonhos de doçura, senhor acadêmico, mas eu os sonhei e os sonho agora por mim e por vossa legião de personagens sedentos de vida e de poesia, sobretudo a poesia que troca o açude pelo mar, mas não ignora, como não ignorais, as agudadas, os tanques e os poços artesianos, enfim tudo que vem do meu sertão num grito de dor.

O *afilhado de Gabo*, talvez tenha sido vossa primeira incursão no realismo fantástico, na absorção de outros universos ficcionais captados para o vosso, e começa com uma curiosa identificação: Dr. Gabriel Macondo traz o prenome do autor de *Cem anos de solidão* e, como sobrenome, o chão em que a narrativa se desenvolve. Dr. Eusébio constrói, passo a passo, o território livre da loucura, a geografia humana dos mais ou menos perigosos separados por pavilhões e por técnicas mais ou menos sofisticadas de tortura psiquiátrica, de que não se ausenta, em parte ou por inteiro, o trágico episódio de um maníaco que bebe o sangue de sua vítima, de quem come a carne com ferocidade, pedaço a pedaço, coração e vísceras, alma e coração. Através do diário do dr. Macondo, *O afilhado de Gabo* procura desvendar a chave de um mistério inquietante, pelo qual se bate à porta da ânsia de não morrer, o pânico de morrer clama por socorro, por

mergulhar em profundidade na alma humana, no medo coletivo. Esperai que Paula viva de novo, renascendo das trevas e do pesadelo, com sua mecha lilás, lindamente lilás, sobre a testa e sobre os olhos. A certeza da morte remete o homem ao Paraíso, na busca desesperada da imortalidade. Adão e Eva seriam bem mais felizes, se não houvesse Lilith, a que postulou a propriedade do gozo nos estremecimentos da carne.

Se a política vos fascinou pelo tumulto e pelas contradições, a literatura vos concedeu o vôo absoluto do imaginário, pelo qual descobristes o caminho do enquadramento social, enriquecido pela experiência humana: *O afilhado de Gabo*, se quereis saber, me encanta menos, infinitamente menos, que vossa viagem no mundo bíblico, no território livre dos apócrifos: trouxestes para a ficção a Maria de Magdala que conquistou todas as bênçãos por muito amar e envolveu seu Mestre com o encantamento que ele não conhecia – um beijo na boca desencadeou a paixão de que o apóstolo Paulo o isentara: o de não cair no pecado da carne, embora feito segundo a carne e em forma de carne de pecado. Mas também construístes um Judas que oscilava entre o traidor e o traído: como poderíeis afirmá-lo traidor, se antes ele se considerava traído na causa social e política: o Messias, pelo qual esperava como guerreiro e libertador, não trazia a espada bem afiada, mas a paz na Casa do Pai, que tinha várias moradas. Mas sonhastes acima de tudo, senhor acadêmico, mais que copidescar o sinótico Evangelho de Lucas, o que mais se reveste de sensibilidade para o feminino ou pela afirmação de Maria ou da versão bíblica de Maria.

Em vossos ensaios sobre as *Mulheres na Bíblia*, fixastes que o pecado original não seria o da sexualidade, mas o de provar o fruto proibido, o da árvore da sabedoria e do conhecimento, que os levou à descoberta da sexualidade como expressão de um ato criador paralelo e conseqüente ao sopro vital e transformador, mas também definistes que a rivalidade inicial se manifestava entre Adão e Lilith, sobretudo Lilith que se rebela con-

tra a dominação do macho, reivindicando a prerrogativa de ordenar a cópula. Lilith, sendo a mulher em estado de consciência latente, revestia-se do sentido corpóreo de que Eva se ressentia, daí a transferência para o *testemunho da serpente* como símbolo da ilusão do erro. A corporificação do símbolo – a serpente que fala – inocenta a mulher da culpa da iniciativa, mas não a isenta de ter caído em tentação. O reconhecimento de que a serpente era o sentido corpóreo, transmigrando-se para Eva, reabilitou a mulher para ser mãe de Jesus, o que nos permite repetir o verso de Bandeira: “o Filho de Deus quer ser teu filho, Maria”.

Através do *Evangelho Segundo Maria*, como bem afirma Nilton Nascimento, crítico do *Jornal do Brasil*, conseguistes “uma versão incomum do evangelho que parece ao mesmo tempo, iconoclasta e crente, sagrada e profana, divina e humana, tudo isso amalgamado no feminino”, e tudo isso, senhor escritor Armando Avena, vos levou a recriar um novo Jesus, socialmente revolucionário, mas sempre sob a perspectiva de sua família carnal, que insere muito mais personagens que apenas Jesus, Maria e José. Pelo *Proto-Evangelho de Tiago*, renascem seus irmãos, que eram cinco e não os nominarei por capricho ou conveniência, sei lá o quê, Maria com seus temores de mulher e mãe, seu primo João, que era a *voz do que clama no deserto*, que batizava nas águas e anunciava o que batizaria no Espírito Santo.

Vinde pois, nesta noite, se aceitais um convite e, ao mesmo tempo, um desafio, marcar a passagem de vossa geração pelos anos de chumbo, de sufoco e lágrimas reprimidas, de gás lacrimogêneo e cães amestrados. Só não podeis ver, salvo através da memória, as marcas de balas na fachada do Mosteiro de São Bento, e já não podeis contá-las como antes as contava: vede ali, no mais cinza, se sabeis identificar o desgaste natural do tempo, uma nova camada de concreto vos obrigou a esquecê-las, a apagá-las.

Vinde resgatar o monge beneditino, franzino e de exemplar coragem cívica, que hoje é apenas uma cova no jardim, no verde campanário “onde uma cruz simboliza o passado de um amor que não morreu”, no jardim dos tristes e esquecidos e aqui inscrevo seu nome em dimensão de ternura – Dom Jerônimo de Sá Cavalcante. Vinde rever, ou antes reviver, a efervescência do Central naquelas horas de revolta e tumulto. Vede um olho azul na multidão. Azul como o céu e o mar. E louros cabelos ao vento. Bem sabeis que, atrás daquele olhar azul, se esconde um nome, uma legenda – Marie Helene, que a estupidez reacionária deportou. Deixai que, sombras do passado, tornem às ruas do grito, com a memória de antigos jovens que o tempo branqueou os cabelos, gravou nomes no memorial da saudade. Deixai passar Paulo Fábio, Lídice da Matta, Javier Alfaia, Wagner, Gey Espinheira, Reub Celestino, Sônia Sobral, Maria Ângela, Olinto, Rui César, Maria Elisabete, Zoroastro, o Zozó Bom de Gogó, fazei o tempo voltar, dai-lhes novamente, na cor dos cabelos e nas rugas retocadas, a mocidade perdida, sem medo de que a juventude vos pareça eterna, efemeramente eterna. Deixai que volte, a cada um de nós, com o dulçor de tâmara madura, *o doce pássaro da juventude*.

Sim, senhor acadêmico, todas as vezes que gritamos contra a Inquisição e seus horrores, suas fogueiras de ódio e seus crimes hediondos, todas as vezes que gritamos contra o fascismo, contra os campos de concentração nazista, contra os arquitetos de cemitérios clandestinos, os construtores de salas de tortura à prova de som, contra os técnicos e teóricos dos choques elétricos, do pau-de-arara, dos assassinatos por empalamento, esquecemo-nos imperdoavelmente de expor Stálin ao juízo da nossa ira, da nossa indignação. Porque, senhor acadêmico, tão odioso, tão monstruoso quanto ceifar a vida de seis milhões de judeus por inominável racismo, tão cruel quanto destruir Hiroxima e Nagasaki, dizimar comunidades muçulmanas, invadir um Iraque agonizando em dor e angústia, exterminar índios,

acorrentar negros aos grilhões da escravidão, foi destruir o sonho e a esperança da juventude.

Deixai que, por instantes breves que sejam, eu me ausente deste salão azul, desfaça-me do terno e da gravata que me emprestam uma solenidade que não quero ter, que me dispenso de ter, tão risível que me parece e, em mim, mais ainda, e vista a fantasia do rebelde que nunca deixei de ser. Deixai que, com as asas brancas da saudade, ao som de *La Internacional*, do poema de Eluard, *Liberté, Liberté*, repita Vinicius e lembre ao *Operário em construção* que “seu macacão de zuarte é o terno do patrão” e atravesse mares, céus e distâncias, em busca da menina que se perdeu de vista, mas se guardou na memória que, talvez ainda espere, na velha casa que nunca amei, com os brinquedos com que nunca sonhei, com ternuras que agora suponho minhas, no exílio a que a condenaram, um pedido de desculpas, uma mão solidária estendida para conduzi-la de volta à passeata dos 100 mil, cantando e sabendo que, “apesar de você, amanhã será outro dia”. Deixai que eu traga esta noite, para vossa festa, de bem longe e de algum lugar do passado, a menina-moça Marie Helene. Deixai que ela se sente nesta cadeira vazia e nos ensine, mais ainda do que já nos ensinou, quanto dói o preço de uma rebelião, o grito que não se calou na garganta.

Podeis percorrer agora, com a juventude que já vos parece distante, se quiserdes realizar um mergulho em busca do tempo perdido, as ruas do grito sufocado na garganta, dos nomes que criavam estigmas, como tatuagens do pânico, cicatrizes do desespero, símbolos da violência indiscriminada e do medo. Os anos 70 revestiam-se de características que os separam do decênio anterior. Depois do AI-5, datado de 13 de dezembro de 1968, as manifestações coletivas, passeatas e comícios, tornaram-se impraticáveis pela violência da repressão: as prisões iam além dos cárceres – as confissões eram arrancadas em salas de tortura à prova de som e os cemitérios clandestinos, como Perus, só seriam conhecidos na década seguinte. Em cada esquina, ressurgiu um Fleury a brutalizar dominicanos, a condenar ao

silêncio definitivo, silêncio de mãos postas sobre o peito, um Mário Alves, um Lamarca, um Marighella, a enforcar com fio de *nylon* um Herzog, um Fiel Filho, a torturar um Francisco Julião, a fazer um Gregório Bezerra caminhar sobre brasas incandescentes como se, distraído, pisasse sobre astros e estrelas que, atravessando telhas de vidro, transportavam o céu para o chão.

Vinde ver o menino Édson lavar, com sangue inocente, com sangue, suor e lágrimas, a república do Calabouço, o chão de protestos e gritos e *slogans*. Não sei se vos lembrais do menino Júlio Pavese caindo na Praça do Poeta, baleado, sorrindo e quase sonhando: “mas eu nem gritei *go home, imperialistas*”. Mas estava ali como se gritasse e pichasse muros e paredes, como se trouxesse inscrições de luta na camisa e bandeiras de guerra no sorriso, no olhar e no soco parado no ar. A ambulância atravessou a Praça da Passeata e levou o menino que tinha uma bala no corpo e o vermelho de sangue na camisa azul, talvez azul-turquesa, talvez verde-esperança. Haveis de lembrar o menino Batinga, de olhos esbugalhados e voz exasperada, a declamar seu “canto de amor e guerra para Astrojildo Pereira” ou *Um dia na vida de Brasilino* – que não era seu, mas era como se fosse e sempre tivesse sido, tão universal em seu conteúdo, em sua carga dramática.

Voltai ao Central, de onde nunca saístes inteiramente. Lá, se recuardes no tempo, fixando rostos e fisionomias num momento determinado, irremovível, não vos espantais se encontrardes o jovem que não sois mais, que sonhava ser *gauche* na vida, como o do poema de um certo Carlos, que carregava o *sentimento do mundo* atrás dos óculos e do bigode. Haveis de recordar um episódio que nos envergonha e humilha: a expulsão da menina suíça Marie Helene, que era tão baiana quanto qualquer um de nós, tão brasileira como Iracema, a dos lábios de mel, a que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, ou Gabriela, a mulata que tinha cheiro de cravo e de canela, tão patriota quanto Policarpo Quaresma em seu exacerbado nacionalismo. Haveis

de recordá-la, em instantes de ternura e rebeldia, a transitar pelas salas e corredores do Colégio Central, a resistir ao estigma que lhe gravaram na testa – a foice e o martelo como matiz ideológico. A ditadura atingia assim à vossa geração, no seu núcleo mais próximo, no seu cerne mais indefasável, a musa do Central: a menina que pichou o muro que lá se ergueu, talvez para ilhar a mocidade dentro de seus próprios limites, dentro da solidão povoada, como se prendesse o grito entre paredes e um imenso vazio.

Olhai a gravura de Gley Melo, a goiva a cravar na madeira cada detalhe particular, cada sinal intransferível, o bigode ralo, a boina escura, mais a coroa de espinhos do Cristo que o gravador lhe adicionara, tudo de seu: Che redivivo e, mais ainda, no poema de Carlos Anísio Melhor. Voltai ao Campo Grande e vede o general do sorriso colgate, enfurecido, a perseguir os estudantes, tantos espalhados na Praça do Caboclo, a querer domá-los e atirá-los às grades, a responder às vaias com *bananas ministeriais*. Não sei se vos lembrais dos anos rebeldes, em que éreis, ou sonhastes ser, a voz dos que se perderam na distância, dos que choraram a morte do Che e adubaram com lágrimas, suor e sangue, o túmulo de Marighella, morto numa emboscada na traiçoeira invenção da noite. Deixai que eu cante os que tombaram no chão das ilusões que perdemos, no mar da inquietação da juventude que já não temos, enfim deixai que, repetindo o poeta Manoel de Barros, tenhamos saudades do que nunca fomos e saibamos sorrir do que pensamos que somos: velhos jovens de cabelos brancos.

Sede bem-vindo, senhor acadêmico Armando Avena, deixai vazia esta cadeira azul para lembrar todos os que conquistaram, com sangue e dor, o direito inalienável de sonhar.

Discurso de saudação proferido pelo escritor Guido Guerra, em 2005, na posse do acadêmico Armando Avena.